



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Maria Elizia Borges
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Aspectos do revival egípcio e classicista na arte funerária Brasileira

O objetivo desta comunicação é apresentar uma revisão iconográfica da produção funerária no Brasil do século XX, quando ela busca reproduzir as pequenas fantasias da sociedade burguesa advindas de seu “inconsciente coletivo” (Ariès, 1977). Para isso, os escultores e artistas-artesãos (marmoristas) eram contratados, pela elite brasileira, para construir obras nos cemitérios que refletissem num ideário estético a arte egípcia e a arte da antiguidade clássica, resultado do modismo em incorporar a arte neoclássica e eclética.

A origem do interesse de reproduzir, de apropriar e de copiar elementos formais de um passado tão distante nos cemitérios advém do século XVIII, quando a sociedade europeia passou a despertar interesse pela Arqueologia e por ruínas recém-descobertas. As deteriorizações arquitetônicas de Pompéia e Herculano eram vistas com encantamento, e reutilizar referências destes achados na arquitetura da morte condizia com o ideário da morte romântica, que buscava colocar a arte funerária num lugar pitoresco e condizente com os novos valores de higiene difundidos na época.

Necessitamos lembrar que os ciclos de elaboração mortuária da sociedade egípcia, grega e romana são distintos, e quando suas representações simbólicas são reapropriadas em outro ciclo histórico, como a idade moderna aqui tratada, eles são ressignificados dentro de circunstâncias culturais deste novo tempo.

É uma época de evocação espiritualista da arquitetura Egípcia, aliada à utilização de elementos gregos e dóricos nos monumentos funerários, onde se buscava a pureza geométrica. Enfim, uma arquitetura que fala por si, e seu emprego faz parte do pensamento associado à morte. Os ressurgimentos destes referenciais estão circunscritos em muitos portões de entradas neoclássicas, em monumentos funerários ecléticos e em esculturas neoclássicas de cemitérios europeus; em cemitérios da América do Norte e do Sul, chegando aos cemitérios brasileiros no fim do século XIX e começo do século XX.

Por traz deste modismo que envolvia o “ideal de beleza clássica” e a “egiptomania” podemos perceber que havia uma competição arquitetônica entre os cemitérios das cidades urbanas por meio das suas construções de apoio; uma tensão social refletida nos adornos dos monumentos funerários, símbolos do status da família burguesa; uma iconografia composta de alegorias pagã e cristã; uma identificação com a ideologia neoplatônica apregoada pela arquitetura funerária maçônica.